

*Roubar um banco é delito; porém mais delito é o fundar.*

Bertolt Brecht

Para *Armando Hernández Quintero*

Afirmo que som testigo dumha época  
em que o homem é soterrado no terror da fome  
e esquecida toda bondade para os humildes  
que som devorados polo delírio até a sua destruição.

Estou canso das mentiras manufacturadas polos “médias”,  
da dor dos humilhados, do lamento do submisso.  
Juntos poderíamos arrincar pedras das montanhas  
e lapida-los com o seu ouro.

A pesar do fracasso, nom renunciei a nada, a nada.

Através da geada, os meus ouvidos escuitam os seus  
[passos trémulos,  
afirmo que temem as ruas cheias de dignidade,  
sabem-se espidos, só tenhem escuridade.

E nós, no desterro, espertamos a luz das estrelas metálicas.

Sei que ainda nom se formou a fúria da ciclogénese  
e... meus olhos cansam-se de contemplar tanta pantomina,  
certidume da farsa. Às vezes choro tanto, que ébrio  
procuro o silêncio da sombra.

A pesares do fracasso, nom renunciei a nada, a nada.

Para *Fernando Souto Guinarte, Francisco Granha Iglesias*

Cicatrizes de utopia rota é o nosso universo.  
Agora bem, amigos  
sabemos que somos umha ferverença desbordada  
e... como farrapos de bandeira ainda nom destroçada  
ondeemos ao frio vento do norte,  
riamos da morte, pois nom foi quem  
de nos horrorizar.  
Negávamos o paraíso nefando das loas e oraçons,  
nom aceitávamos os infernos da derrota,  
precisávamos construir o mundo, era urgente.  
Escuitemos, de novo están ai com as suas máscaras,  
ocupam os roteiros  
e... banham em sal a agonia dos humildes.

Hoje, camaradas, tenho ferrugem nas minhas pálpebras  
e... lembro-me de vós, de quando  
queríamos reconciliar-nos com o universo  
depois de estrangular todas as noites.  
Já perdi os mences dos roivéns dourados  
e sei que a traíçom se agocha  
trás o sorriso cínico. Agora só somos  
as pétalas doentias das roseiras vencidas.

Como esquecer o crime escuro  
das infâncias abandonadas à miséria e ao desamparo,  
passarinhos prendidos para o homicídio.

Lembrades companheiros quando pintávamos nos muros  
utopias hoje decapitadas, enquanto a derrota nos devora.

Com ferro-quente  
nascêrom em mim os sonhos.

E... com vós, companheiros,  
galopei ceivo por todas as serras.

Quero saber de mim, olhar-vos  
como se me abraçásseis no espaço escuro  
de nengum lugar.

A marmalha molha-me  
com o seu cair miudinho, leve,  
mas nom quero esquecer a esperança  
na que depositávamos o enigma  
de caraveis vermelhos.

Éramos ceivos como lobos na serra,  
abertos à rebeliom da poesia e da coragem.

Agora estamos ancorados,  
como a esfinge impenetrável, num páramo  
ateigado de vómitos e farpas.